

Julia Dias Milani

Universidade Estadual de Campinas

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-0738-533X>

Resenha

Interdisciplinary Cooperation for Ayahuasca Research and Outreach (Brasil). **Visões Multidisciplinares da Ayahuasca**. Campinas: Editora Unicamp, 2023. 245 p.

A obra, derivada de um projeto da *Cooperação Interdisciplinar para Pesquisa e Divulgação da Ayahuasca*, parte de uma abordagem ampla, tratando a ayahuasca como fenômeno multidisciplinar, de modo a apresentar ao leitor uma articulação de diferentes perspectivas e campos do conhecimento. Tendo isso em vista, a produção desta resenha crítica busca reconhecer sua completude e caráter multidimensional, que fornecem uma compreensão plural acerca da ayahuasca, abrangendo diversas áreas como botânica, ecologia, antropologia, psicanálise, psiquiatria, bioética, comunicação, entre outras. O livro *Visões Multidisciplinares da Ayahuasca*, publicado em 2023, insere-se no contexto de um cenário global de “renascimento psicodélico”, onde a ayahuasca assume certo protagonismo, estimulando pesquisas que investigam seus múltiplos desdobramentos e implicações.

O livro está organizado em três partes: (i) *Ayahuasca, natureza e humanidades*; (ii) *Ayahuasca e saúde mental*; e (iii) *Ayahuasca e pesquisas experimentais*. A primeira parte compreende quatro capítulos que abordam os aspectos botânicos e ecológicos da ayahuasca, as religiões ayahuasqueiras brasileiras e seu contexto transnacional contemporâneo, os aspectos bioéticos relacionados ao cuidado com a bebida e, por fim, um panorama sobre a representação e a trajetória histórica da ayahuasca na mídia. A segunda parte concentra-se nos conteúdos ligados aos conhecimentos científicos e aos potenciais terapêuticos da bebida, incluindo sua relação com o cuidado de pessoas com uso problemático de drogas, análises sobre metodologias de avaliação científica dos efeitos subjetivos da ayahuasca e explorações psicanalíticas de seus fenômenos psíquicos. Por fim, a terceira parte trata das concepções relacionadas a estudos experimentais com ayahuasca em animais, pesquisas pré-clínicas, seus efeitos sobre o cérebro e investigações metabólicas da bebida.

Diante das prerrogativas apresentadas, é importante ressaltar que a ayahuasca, palavra de origem quéchua, é uma bebida enteógena amazônica preparada a partir da cocção das folhas de *Psychotria viridis*, que contém *N-dimetiltriptamina (DMT)* – substância que atua em regiões cerebrais associadas à atividade serotoninérgica –, e do cipó *Banisteriopsis caapi*, rico em betacarbolinas capazes de inibir a enzima *MAO-A*, responsável pela degradação da DMT. Essa composição possibilita a ação da DMT no cérebro e o



desencadeamento dos efeitos psicoativos característicos da bebida. Sua propagação no Brasil está relacionada tanto à formação das chamadas “religiões ayahuasqueiras” – grafia utilizada na obra “O uso ritual da ayahuasca” (2002), organizada pelos antropólogos Beatriz Caiuby Labate e Wladimir Sena Araújo – que, a partir de um processo histórico prolongado, conquistaram reconhecimento e integração em diferentes esferas políticas e sociais enquanto fenômenos religiosos, quanto à reivindicação por participação de indígenas de alguns grupos do tronco linguístico Pano nas discussões políticas e sociais relacionadas.

O primeiro capítulo, “*Aspectos botânicos e ecológicos da ayahuasca*”, apresenta a origem, composição e preparação da bebida, destacando os dois principais componentes mencionados anteriormente, e sua significação cultural e histórica, que se dão sob a perspectiva de imagens religiosamente enviesadas de missionários jesuítas, no século XVIII, a respeito das ritualísticas indígenas com as plantas sagradas. Além disso, aborda o uso sustentável e os desafios ecológicos relacionados à extração e cultivo dessas plantas, pontuando as implicações da expansão da demanda da ayahuasca para além do território amazônico, que se desdobram em cenários como a regeneração lenta, o extrativismo predatório e o desmatamento na Amazônia, agravados por interesses econômicos que enfraquecem a fiscalização ambiental e comprometem a proteção das áreas indígenas. O capítulo enfatiza também a importância de práticas de manejo agroflorestal, pesquisa científica, educação local e cooperação internacional como estratégias para garantir a sustentabilidade da produção e distribuição da ayahuasca, preservando a biodiversidade e respeitando os ecossistemas nativos.

O segundo capítulo, intitulado “*As religiões ayahuasqueiras brasileiras e o cenário contemporâneo transnacional da ayahuasca: panorama histórico e atualizações*”, apresenta a formação, evolução e expansão das religiões ayahuasqueiras no Brasil, destacando seu percurso histórico desde os anos 1930 na Amazônia. Os primeiros grupos gradualmente se apresentaram como fenômeno religioso diante da sociedade e do Estado brasileiro, esse processo envolveu interlocuções com diversos agentes sociais e a construção de uma imagem pública consolidada principalmente a partir dos anos 2000. Entre os grupos pioneiros, destacam-se o organizado por Mestre Irineu, associado ao Santo Daime; a Barquinha, criada por Mestre Daniel, que incorporou mediunidade e elementos afro-brasileiros; e a União do Vegetal (UDV), fundada por Mestre Gabriel, marcada pelo uso ritual da ayahuasca e influência do catolicismo. Embora compartilhem práticas cerimoniais como o uso da ayahuasca, a música e hinos próprios, as diferenças entre os grupos aparecem na ritualística, na incorporação de elementos culturais diversos e na organização das cerimônias, conforme o contexto.

Além disso, o capítulo também examina a trajetória da regulamentação e reconhecimento legal da ayahuasca no Brasil, apontando que, nos anos 1980, o Conselho Federal de Entorpecentes (Confen) iniciou investigações sobre seu uso, resultando em 1987 na exclusão da bebida da lista de substâncias proibidas, autorizando seu uso religioso. Em 2010, o Conselho Nacional de Política sobre Drogas (Conad) formalizou o uso religioso da ayahuasca como um direito constitucional, diferenciando-o do uso terapêutico fora do contexto religioso. Destaca-se ainda a tentativa de registro da ayahuasca como patrimônio cultural junto ao Iphan, a partir de 2008, com a participação de grupos indígenas nos debates públicos, evidenciando as tensões e a complexidades de perspectivas em torno da bebida.

O capítulo problematiza também a expansão e transformação das religiões ayahuasqueiras, observando mudanças no perfil de seus adeptos, bem como a difusão da prática nacional e internacionalmente. Surge nesse contexto um novo fenômeno, os grupos neoayahuasqueiros, vinculados à Nova Era, que se aproximam de práticas espirituais, terapêuticas e lúdicas, ainda que muitas vezes distantes das tradições originárias. No entanto, o capítulo ressalta os desafios éticos e epistemológicos dessa expansão, especialmente a necessidade de conciliar a produção científica com os saberes tradicionais, evitando apropriações ou colonizações culturais.





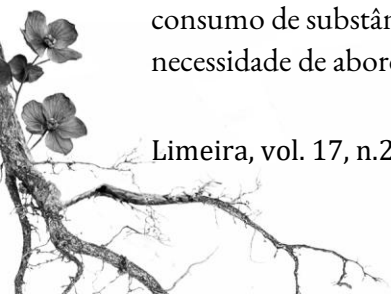
O terceiro capítulo, *“Aspectos bioéticos do cuidado com ayahuasca”*, discute as práticas terapêuticas e ritualísticas associadas à bebida, enfatizando o cuidado com os participantes e os dilemas éticos envolvidos. Destaca como culturas tradicionais, incluindo diversos grupos indígenas, utilizam a ayahuasca para promover experiências que restauram o equilíbrio simbólico entre o indivíduo e seu cosmos, apontando para a dimensão cultural e espiritual do cuidado. Ademais, o capítulo também contextualiza historicamente o surgimento das religiões ayahuasqueiras brasileiras, relacionando-o ao ciclo da borracha e às condições enfrentadas pelos trabalhadores amazônicos, além de destacar o estigma social e religioso direcionado a certos grupos, especialmente influências afro-brasileiras. Por fim, o texto trata de aspectos regulatórios e organizacionais, e descreve a diversidade de contextos de cuidado durante as cerimônias, evidenciando a necessidade de reflexão ética sobre a segurança, a responsabilidade e o bem-estar dos participantes.

O quarto capítulo *“Ayahuasca na mídia: abrindo as portas da redação”*, elucida o modo como a imprensa brasileira – em diálogo com tendências globais – construiu narrativas sobre a ayahuasca ao longo do tempo, revelando a oscilação entre exotização, demonização e, mais recentemente, legitimação parcial do seu uso. Mostra-se como, até o início dos anos 2000, a bebida era retratada como prática excêntrica, mas, a partir do chamado *“Renascimento Psicodélico”*, passou a ser reinterpretada também sob prismas médicos e científicos. O texto evidencia como os discursos jornalísticos estiveram atravessados por metáforas bélicas e estratégias de pânico moral herdadas da *Guerra às Drogas*, que reforçaram preconceitos e associaram a ayahuasca a crime, loucura ou práticas religiosas desviantes, como se nota no uso recorrente do termo “seita”, revelando tanto a persistência de visões colonialistas quanto a emergência de novas perspectivas.

Um ponto crítico levantado é a seletividade da cobertura: episódios de violência, como o assassinato de Glauco Villas Boas, recebem maior visibilidade e reforçam estigmas, ao passo que pesquisas científicas ou práticas culturais indígenas muitas vezes são secundarizadas ou tratadas de forma superficial. Ao mesmo tempo, a mídia também atua como mediadora de uma reconfiguração simbólica, sendo assim, quando percebe o potencial mercadológico e terapêutico da ayahuasca, sobretudo em pautas sobre saúde mental, busca reatribuir significados à substância. Nesse sentido, o capítulo chama atenção para o poder da imprensa em legitimar ou deslegitimar práticas culturais e religiosas, mas também para seus limites, já que a busca por narrativas “vendáveis” frequentemente reduz a complexidade do tema.

A segunda parte da obra inicia-se com o quinto capítulo *“Fronteiras do conhecimento científico sobre o potencial terapêutico da ayahuasca”*, que discute o estado atual das pesquisas biomédicas sobre o potencial terapêutico da ayahuasca, explorando diferentes contextos clínicos e observacionais. São apresentadas evidências preliminares de seus possíveis benefícios no tratamento de depressão, ansiedade, transtornos relacionados ao uso de substâncias, luto, transtornos alimentares, TEPT, além de sua aplicação em pessoas com doenças físicas graves, como câncer. O texto também aborda a relação da ayahuasca com processos de neurogênese e neuroplasticidade, sugerindo possíveis aplicações em doenças neurodegenerativas. Contudo, o capítulo ressalta que muitos dos estudos ainda são iniciais, com amostras reduzidas e metodologias limitadas, o que impede conclusões definitivas sobre a eficácia terapêutica da substância. Vale ressaltar que o autor enfatiza que o contexto de uso é determinante, sendo assim, em ambientes supervisionados, como pesquisas clínicas ou cerimônias estruturadas, os riscos parecem reduzidos, enquanto em contextos recreativos e não controlados há maior chance de reações adversas, incluindo episódios psicóticos.

O sexto capítulo *“O uso da ayahuasca no cuidado de pessoas com uso problemático de drogas”*, analisa a relação entre o uso problemático de drogas e o potencial terapêutico da ayahuasca, situando-se no cruzamento entre a crítica ao paradigma proibicionista e a busca por alternativas de cuidado mais integrativas. A partir de dados epidemiológicos globais e nacionais, o texto evidencia a magnitude do consumo de substâncias psicoativas e a insuficiência dos modelos tradicionais de tratamento, destacando a necessidade de abordagens que considerem a complexidade social, psicológica e biológica envolvida.





Nesse contexto, o texto aborda estudos clínicos e observacionais que sugerem benefícios na redução do consumo de substâncias como álcool e tabaco, especialmente entre frequentadores de religiões ayahuasqueiras. Tais efeitos seriam mediados tanto por mecanismos neurobiológicos – como a regulação dos sistemas serotoninérgico e dopaminérgico, a estimulação da neuroplasticidade e a produção de BDNF – quanto por dimensões intersubjetivas e sociais. A análise crítica revela, porém, que ainda permanecem questões abertas quanto à generalização dos achados e à necessidade de estudos mais rigorosos. O texto também reforça a relevância do contexto ritual e social como parte indissociável do potencial terapêutico, em contraste com abordagens biomédicas que tendem a reduzir a experiência a mecanismos farmacológicos isolados.

O sétimo capítulo se dedica a aprofundar *“Como avaliar cientificamente os efeitos subjetivos proporcionados pela ingestão da ayahuasca”*, discutindo metodologias qualitativas e quantitativas utilizadas para compreender experiências individuais e coletivas. São detalhados instrumentos psicométricos específicos – como o MEQ30, ASC, EDI, CEQ, EBI e PIQ – que permitem mensurar diferentes dimensões das experiências com ingestão da bebida. O texto evidencia que cada abordagem apresenta vantagens e limitações, uma vez que, enquanto métodos qualitativos oferecem maior profundidade e contextualização, métodos quantitativos permitem comparabilidade e generalização. Também é destacada a importância do contexto cerimonial, que podem ser significativos para o processo terapêutico e transformador da experiência.

O oitavo capítulo *“Ayahuasca e os fenômenos psíquicos: uma exploração à luz da psicanálise”* e nono *“Divãs psicodélicos e a manifestação do sujeito: um olhar psicanalítico sobre a experiência com a ayahuasca”*, abordam a intersecção entre a ayahuasca e a psicanálise, explorando como os efeitos da bebida podem ser compreendidos à luz da teoria psicanalítica e do funcionamento do inconsciente. O texto apresenta quatro níveis de efeitos psíquicos, perceptual, rememorativo-psicodinâmico, simbólico-existencial e de profunda integração ou transcendência do self, detalhando como cada um se manifesta na experiência individual. Destaca-se a relevância da *miração* como fenômeno visual e experiencial, comparável aos sonhos, que facilita o acesso a conteúdos inconscientes, memórias reprimidas e traumas, promovendo potencial transformação pessoal. Além disso, também diferencia efeitos desafiadores, como a “peia”, de experiências negativas, ressaltando seu papel terapêutico e ritualístico.

Por fim, inicia-se a parte três com o capítulo *“Estudos experimentais com ayahuasca e animais”*, que foca nos estudos experimentais com animais para investigar os efeitos da ayahuasca, destacando como esses modelos permitem analisar mecanismos biológicos e comportamentais em contextos controlados, sem a interferência de fatores culturais ou ritualísticos. O texto detalha a composição química da bebida, aborda evidências de efeitos terapêuticos, como ação antidepressiva e neuroprotetora, baseadas em estudos com animais filogeneticamente próximos aos humanos. Destacam-se mecanismos como aumento de fatores neurotróficos, inibição da acetilcolinesterase, ação antioxidante e prevenção da sensibilização comportamental induzida por álcool. Em última análise, a segurança do consumo em doses rituais também é enfatizada, reforçando a relevância dos achados pré-clínicos para compreender potenciais efeitos terapêuticos da ayahuasca.

O décimo primeiro capítulo *“O que as pesquisas pré-clínicas nos dizem sobre ayahuasca”*, demonstra três dimensões principais: farmacológica, psicológica e social. Na esfera farmacológica, discute a ação dos alcaloides da bebida em receptores serotoninérgicos e seus efeitos sobre dopamina, cortisol e fatores neurotróficos, incluindo estímulo à neurogênese, sugerindo um potencial antidepressivo. No plano psicológico, enfatiza a capacidade da ayahuasca de favorecer a regulação emocional, promover mudanças comportamentais e experiências místicas associadas a transformações pessoais. A dimensão social, por sua vez, envolve a influência de suporte grupal, religiosidade e expectativas coletivas na experiência do usuário.





Constatou-se que doses típicas em contextos rituais são seguras, enquanto doses elevadas podem ser tóxicas. Os achados indicam um potencial farmacológico antidepressivo e uma possível redução de comportamentos relacionados ao uso de substâncias, mas os efeitos sobre ansiedade ainda são inconclusivos.

O décimo segundo capítulo “*Ayahuasca e o cérebro*”, integra achados que vão do nível molecular a processos cognitivos e comportamentais. Em termos moleculares, demonstra-se que a ayahuasca modula receptores serotoninérgicos e sigma-1, hormônios e proteínas associados a efeitos terapêuticos, como normalização do cortisol, aumento do BDNF e redução de processos inflamatórios. No nível neuronal, indica-se que a bebida promove neurogênese e neuroplasticidade, enquanto na atividade elétrica cerebral observa-se redução de frequências lentas (alfa, teta, delta) em regiões de processamento de emoções e memórias e aumento de frequências rápidas (gama) em regiões ligadas à cognição, com correlação aos efeitos subjetivos e às concentrações sanguíneas de DMT e betacarbolinas. Quanto ao fluxo sanguíneo e oxigenação, verificam-se aumentos de atividade em regiões associadas à memória, emoção, percepção corporal e processamento visual, refletindo a relação entre mecanismos cerebrais e experiências perceptivas. Estudos de estrutura cerebral apontam mudanças, como afinamento do PCC, associadas à autotranscendência.

Em última análise, o capítulo “*Metabolômica da ayahuasca*”, enfatiza tanto a diversidade de composições quanto os riscos associados a adulterações. Destaca-se que, além das plantas tradicionais como *Psychotria viridis* e *Banisteriopsis caapi*, outras espécies, como *Peganum harmala* e *Mimosa tenuiflora*, podem ser utilizadas como substitutos ou aditivos, alterando a composição química da bebida. Casos de adulteração com *IMAOs* sintéticos são considerados especialmente preocupantes devido ao potencial de efeitos adversos e à distorção da experiência ritualística. O capítulo também introduz a metabolômica como ferramenta científica para compreender os processos bioquímicos da ayahuasca, oferecendo uma visão ampla do metabolismo dos seus alcaloides.

A obra se destaca por sua abordagem abrangente e interdisciplinar sobre a ayahuasca, oferecendo um panorama detalhado que abarca dimensões históricas, culturais, legais, terapêuticas, neurocientíficas e psicodinâmicas. Dentre as principais contribuições reside a articulação de múltiplas perspectivas, permitindo aos leitores e pesquisadores compreender não apenas os mecanismos de ação da substância, mas também suas implicações sociais, culturais e científicas. Tal amplitude representa uma inovação significativa, pois fornece uma base sólida para investigações subsequentes e para o aprofundamento de debates acadêmicos sobre a ayahuasca.

Contudo, apesar de abordar a participação de comunidades indígenas nos debates contemporâneos, a análise antropológica carece de maior profundidade, sobretudo no que concerne aos saberes e práticas tradicionais frente à difusão global da bebida. Do ponto de vista crítico, a obra se mostra relevante como referência multidisciplinar, especialmente por correlacionar evidências empíricas com contextos sociais e ritualísticos. Contudo, futuras produções poderiam aprofundar o diálogo intercultural, incorporando vozes indígenas e abordagens éticas mais extensas sobre apropriação cultural, biopirataria e impactos socioculturais.

Referências

Interdisciplinary Cooperation for Ayahuasca Research and Outreach (Brasil). **Visões Multidisciplinares da Ayahuasca**. Campinas: Editora Unicamp, 2023. 245 p.





LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimyr Sena (Org.). **O uso ritual da ayahuasca.** Campinas: Mercado das Letras, 2002. 686 p.

